

A PEDIDOS DÍVIDA EXTERNA

CARONE AFIRMA: VÍTIMA DO USUÁRIO NÃO É CALOTEIRO

"Quando o governo brasileiro foi forçado a declarar a moratória dos juros da dívida externa, muita gente em nosso país saiu gritando que se tratava de um "calote" nos credores internacionais, que o País precisava "honrar seus compromissos". Sob pena de ficar desmoralizado perante as demais nações". A opinião é do ex-deputado Jorge Carone Filho.

Segundo ele, não são poucas as dificuldades "para se conhecer, realmente, como o Brasil passou a dever tanto aos bancos estrangeiros. Ainda há pouco tempo uma tentativa de se criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a dívida externa contou, como sempre, com ambos setores pra torpedeá-la e impedir que os brasileiros saibam quanto devem, porque de um e quanto pagarão pelo que devem". E completou:

"É de ser lembrado que, antes da "Revolução" de 1º de abril de 1964, todos os contratos de empréstimos externos fixavam uma taxa de juros que oscilava entre 3 por cento a 6 por cento ao ano; com os chamados organismos internacionais de crédito, entre os quais o Banco Mundial, BID/BIRD, etc, essa taxa de juros costumava ser fixada em um por cento ao ano".

Quando o presidente João Goulart foi deposto, prosseguiu, a dívida externa brasileira girava em torno de 3,5 bilhões de dólares. Em 1973 já era de 12,6 bilhões; em 1974, 17,2 bilhões; em 1978, 43,5 bilhões, em 1980, 53,8 bilhões; em 1981, 61,4 bilhões; em 1982, 74,4 bilhões e daí em diante, 92,100 até chegar hoje estimadamente em 110 bilhões de dólares. Enfatizou ainda que Celso Furtado chama a atenção que o aumento da dívida antecedeu à alta do petróleo. "E está hoje provado que, mesmo quando o petróleo baixa, a dívida externa continua crescendo, praticamente sozinha". E acrescenta:

"A explicação é simples: na chamada "primeira carta de intenções", o então ministro Antonio Delfim Netto permitiu que os bancos credores, por ato unilateral, ajustassem todas as taxas de juros externos, que eram fixas, às taxas móveis da "Libor", inglesa, e da "Prime Rate" americana. Foi a partir desse golpe de morte na economia brasileira, pelo qual até hoje ninguém sofreu punição alguma, que essas taxas subiram a 10, 12, 15, e até 19 por cento ao ano. E os banqueiros, com o criminoso beneplácito das autoridades financeiras da época, ainda impuseram ao Brasil uma "taxa de risco" a que denominaram "spread", que chegou a 5 por cento o que fez com que a carga de juros chegasse, na realidade a 24 por cento ao ano.

A juros de 20 por cento, 24 por cento ao ano, o Brasil, a cada sete anos paga o montante de sua dívida externa e fica a dever outro tanto, como muito bem denunciou o ex-ministro Dilson Funaro.

Portanto, esses banqueiros não estão tendo prejuízo algum: o pouco que haviam emprestado, já receberam várias vezes, com lucro. O que aí está nasceu do nada; ou melhor, da geração espontânea de juros extorsivos sobre a vítima da agiotagem internacional, diz Carone.

E o Brasil não deve tal dívida; ela é produto da usura e da corrupção, não tendo o povo brasileiro sido ouvido através de seus representantes no Senado e na Câmara Federal para assumir tão grave responsabilidade. Por isso, está certo o governo brasileiro, na decretação da moratória.

Na Segunda Guerra Mundial, os americanos e ingleses ficaram devendo ao Brasil e a outros países da América Latina, a importância vultosa referente a fornecimentos de carne, alimento e matérias-primas, os créditos do Brasil eram fabulosos. O Brasil tinha mais de 500 mil dólares para receber dos Estados Unidos e, importância equivalente da Inglaterra. Esses créditos foram congelados e os dois países declararam que só tinham condições de pagar as dívidas com permuta de máquinas, e produtos manufaturados como io-iôs, bambolês e outros, o que foi feito. Naquela época os países estavam em guerra. Enfim pergunto, que garantia tinha o Brasil de receber seus créditos? Ora, vê-se, então, que calote por calote os americanos e ingleses já nos passaram há bem tempo, ou seja há mais ou menos 40 anos, quando da Segunda Guerra Mundial.

E, finalizando, pode haver uma outra guerra e eles podem precisar novamente da América Latina. Convém que isso seja lembrado.

Transcrito do Diário da Tarde de Belo Horizonte. De 14/set/87.